

USOS E FUNÇÕES DO ITEM “TÁ”: TÁ MUDANDO?¹

USES AND FUNCTION OF THE ITEM “TÁ”: IS IT CHANGING?

Clébia Rocha Lima LIRA²

Gessilene Silveira KANTHACK³

RESUMO: Neste artigo, apresentamos uma análise dos valores funcionais exercidos pela forma fonologicamente reduzida do verbo **estar**, tendo como *corpus* uma amostra sincrônica constituída de *tweets*, textos/comentários escritos veiculados na rede social *Twitter*. Sob um olhar sociofuncionalista (Görski; Tavares, 2013), analisamos os usos do item **tá** no intuito de verificar se eles indicam variabilidade funcional e se apontam para uma situação de mudança por gramaticalização. Por meio de uma metodologia qualiquantitativa (Cunha Lacerda, 2016), constatamos: (i) o item **tá** é usado, assim como **estar**, com as funções de verbo pleno/principal, de verbo de ligação e de verbo auxiliar/suporte; (ii) o **tá** expande seus usos, passando a atuar com funções discursivas (expressão cristalizada e marcador discursivo); (iii) a frequência de uso confirma a variabilidade funcional do item **tá** e indica que as funções mais gramaticalizadas são mais recorrentes. Com a análise desenvolvida, esperamos contribuir para a ampliação dos estudos de descrição que contemplam padrões linguísticos que são fixados e regularizados em práticas de uso efetivo da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Item **tá**. *Twitter*. Variabilidade funcional. Gramaticalização.

ABSTRACT: This article aims to present an analysis of the functional values performed by the phonologically reduced form of the verb **estar**, having as corpus, a synchronous sample composed of tweets, written texts/comments on the social media network *Twitter*. From a functionalist perspective (Görski; Tavares, 2013), we analyzed the uses of the item **tá** to verify if they indicate functional variability and point to a situation of change through grammaticalization. Through a quali-quantitative methodology (Cunha Lacerda, 2016), we found: (i) the item **tá** is used, as well as **estar**, with the functions of full/main verb, linking verb and auxiliary/supporting verb; (ii) the **tá** expands its uses by acting with discursive functions (crystallized expression and discursive marker); (iii) the usage frequency confirms the functional variability of the item **tá** and indicates that the functions with the most abstract values are more recurrent. With the developed analysis, we hope to contribute to broadening the description studies regarding linguistic patterns that are fixed and regularized in effective language practices.

KEYWORDS: Item **tá**. *Twitter*. Functional variability. Grammaticalization.

1. Este artigo corresponde a um recorte da dissertação intitulada “Variabilidade funcional da forma fonologicamente reduzida do verbo *estar*: Sequência Didática como instrumento de reflexão linguística”, defendida no âmbito do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

2. Mestre em Letras/PROFLETRAS, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus-BA, Brasil. Professora do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Guaratinga-BA, Brasil. E-mail: clebialima2006@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5884-4826>.

3. Doutora em Linguística. Professora titular (pleno) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus-Ba, Brasil. Atua no curso de Graduação em Letras, no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (UESC), bem como no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UESC). E-mail: gskanthack@yahoo.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1352-436X>.

Introdução

Tendo em vista o pressuposto de que a estrutura linguística deve ser observada em seu contexto real de uso, como defende o Sociofuncionalismo (Görski; Tavares, 2013), analisamos funções da forma fonologicamente reduzida do verbo *estar*, no intuito de verificar se os seus usos indicam variabilidade funcional e se eles apontam para uma situação de mudança por gramaticalização, um processo de regularização gradual da língua.

Para a investigação, reunimos uma amostra sincrônica extraída da rede social *Twitter*, especificamente os *tweets* escritos, esperando, assim, confirmar que a forma fonologicamente reduzida do verbo “estar” deverá ser usada (i) com as funções de verbo pleno/principal, de verbo de ligação e de verbo auxiliar, exatamente como ocorre com a sua forma plena; (ii) com valores pragmáticos discursivos, podendo fazer parte de expressões cristalizadas e atuar como marcador discursivo; (iii) e seus usos deverão indicar variabilidade funcional e, também, mudança por gramaticalização.

Por meio da caixa de busca disponibilizada na parte superior da página inicial do *Twitter*, coletamos os dados em um período de oito dias, não consecutivos, durante o mês de janeiro de 2022, entre as 17 e 18 horas, pois acreditamos que, até esse horário, já teria sido veiculado um número acentuado de *tweets*⁴. A busca nos permitiu coletar uma média de vinte e duas ocorrências diárias do item tá, perfazendo um total de cento e noventa e duas, um quantitativo suficiente para demonstrar as regularidades das funções da forma reduzida de “estar”.

Para o desenvolvimento da análise, utilizamos o método misto (Cunha Lacerda, 2016), que une as abordagens qualitativa e quantitativa. Por meio da primeira, analisamos as funções desempenhadas pelo item tá; por meio da segunda, realizamos o levantamento de cada uma das funções a fim de atestar a atuação da frequência de uso, um fator relevante em um estudo sociofuncionalista, pois os seus efeitos indicam, por exemplo, o grau de variabilidade/estabilidade ou o grau de desenvolvimento em que se encontra a mudança linguística.

Para fins práticos, organizamos o artigo assim: na primeira seção, destacamos pressupostos basilares que nortearam a investigação; na segunda, apresentamos as análises (qualitativa e quantitativa) promovidas a respeito das funções desempenhadas pelo item tá. Encerramos o artigo com as considerações finais e as referências.

Sociofuncionalismo e gramaticalização: pressupostos norteadores

O Sociofuncionalismo, abordagem teórica resultante do “casamento” entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico, surgiu no Brasil, no final dos anos 80, e foi idealizado pelo Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) da Universidade Federal do

4. Em julho de 2023, Elon Musk, dono do *Twitter*, mudou o nome da rede social para X; contudo, manteremos como *Twitter*, tendo em vista o período de nossa coleta de dados.

Rio de Janeiro (May, 2009; Görski; Tavares, 2013). Essa perspectiva defende que, para explicar os fenômenos de variação e de mudança linguística, fatores cognitivos e discursivo-pragmáticos devem ser incluídos no rol de fatores linguísticos e extralinguísticos. O entendimento é que fatores diversos “podem estar envolvidos no uso de uma ou outra forma linguística” (Cezario; Marques; Abraçado, 2016, p. 53).

Em uma primeira análise, Görski e Tavares (2013) pontuam que pode parecer controverso o casamento entre as duas teorias se isso não se constituir como uma tarefa simples, pois são dois campos de estudos que ora convergem, ora são conflituosos. Embora isso ocorra, é possível aproximar as duas abordagens, segundo as autoras. Em defesa disso, elas destacam que, por um lado, a Sociolinguística, ao abranger o nível linguístico de análise, reconhece que os fenômenos variáveis de natureza funcional podem constituir-se em objetos de investigação. Isso fica evidente em nota do próprio Labov (1982), quando “reafirma que o termo gramática é usado num sentido geral, para indicar o sistema linguístico como um todo, incluindo a fonologia, o léxico e sua organização semântica” (Görski; Tavares, 2013, p. 82). Por outro lado, ao afrouxar a correlação biunívoca idealizada entre forma e função, a abordagem funcionalista “abre espaço para a variação linguística, pois admite a possibilidade de mais de uma forma para uma mesma função/significação” (Görski; Tavares, 2013, p. 83).

Outros aspectos que, de acordo com Görski e Tavares (2013), também aproximam as duas abordagens são: a concepção de língua em sua natureza heterogênea, mutável; a variabilidade, um fenômeno regular e que segue padrões que não são livres e aleatórios, podendo ser descrita e analisada sistematicamente; a importância do uso linguístico; a mudança como um processo contínuo e gradual; e o tratamento estatístico para explicar os impactos da frequência dos usos e dos fatores que motivam a variação e a mudança.

Görski e Tavares (2013) defendem, ainda, que os fatores de natureza interacional se constituem como importantes pontos convergentes nas duas abordagens, uma vez que operam, de forma relevante, nos processos de variação e mudança linguística. Concernente a isso, as autoras esclarecem:

No âmbito da sociolinguística, Labov (2008 [1972]) compreende a variação estilística como uma adaptação da linguagem do falante ao contexto imediato do ato de fala. No âmbito do funcionalismo, Traugott (2002) não só defende que a mudança é motivada por práticas discursivas e sociais, como acredita que os estudos funcionalistas de gramaticalização orientados para o falante podem contribuir para o estudo sociolinguístico da variação intrafalante (Görski; Tavares, 2013, p. 91).

Com base nisso, Görski e Tavares (2013) ressaltam que a adoção da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Linguístico fortalece a interface Sociofuncionalista, exatamente por considerarem as diferentes camadas ou variantes, afinal, é possível controlar os fatores linguísticos, sociais e estilísticos que condicionam as escolhas do falante. Dentre os ganhos da junção de teorias, as autoras destacam:

1) o primeiro deles diz respeito ao controle mais refinado do grupo de fatores linguísticos, com a incorporação de restrições do âmbito discursivo/pragmático (planos discursivos, *status* informacional dos referentes, graus de integração etc.) com tratamento analítico escalar; 2) o segundo enfatiza a possibilidade de se tratar como variável fenômenos tipicamente funcionais; 3) o último ressalta a consideração mais detalhada que pode ser dada à dimensão social da variação, refinando fatores a fim de incorporar aspectos interacionais concernentes à negociação entre falantes e ouvinte na situação comunicativa (Tavares; Görski, 2015, p. 264).

Em um estudo de cunho sociofuncionalista, é natural a adoção de uma postura mais funcionalista ou mais variacionista. Em nosso trabalho, adotamos uma postura mais funcionalista no intuito de explicar a variabilidade funcional que envolve os usos da forma fonologicamente reduzida do verbo “estar”.

Nesse sentido, recorremos, também, a pressupostos que explicam a gramaticalização, um processo através do qual “itens ou construções lexicais, em determinados contextos linguísticos, assumem funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (Hopper; Traugott, 1993, p. 1). Para explicar como esse tipo de mudança se processa, conceitos e princípios são mobilizados pelos autores. Dentre eles, destacamos alguns que serão relevantes para a nossa análise: a noção de *cline/continuum* apresentada por Hopper e Traugott (1993) e o conjunto de princípios de Hopper (1991).

A noção de *cline/continuum* serve para explicar que as mudanças no estatuto dos itens linguísticos não ocorrem de maneira abrupta, mas, sim, através de transições graduais. Representado por uma linha imaginária, o *cline/continuum* indica que, em uma extremidade, pode-se, por exemplo, situar uma forma lexical e, na outra, uma gramatical, como ilustra o seguinte percurso: “Item lexical de significado pleno > palavra gramatical > clítico > afixo flexional” (Hopper; Traugott, 1993, p. 103). Tal percurso permite visualizar que a mudança se efetiva sempre da esquerda para direita, ou seja, “[...] que existe uma relação entre dois estágios A e B, tal que A ocorre antes de B, mas não o inverso” (Hopper; Traugott, 1993, p. 95), evidenciando, assim, o princípio da unidirecionalidade⁵.

Conforme Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007, p. 41), a unidirecionalidade seria, metaforicamente falando, “[...] o bisturi que recorta um tipo específico de mudança, a que promove o rebaixamento de categoria de um elemento, rumo a uma estrutura mais gramatical, e nunca o contrário”. Os autores acrescentam ainda que, em se tratando de gramaticalização, nem toda mudança poderá, necessariamente, envolvê-la, todavia, toda gramaticalização é marcada por etapas de mudança.

No que se refere aos estágios de mudança de um determinado item, Hopper (1991) propõe cinco princípios que podem ser utilizados para atestar o grau de gramaticalização. São eles: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização.

5. Vale destacar que há autores que apresentam argumentos contrários à ideia da unidirecionalidade. No entanto, conforme Martelotta (2011, p. 106), mesmo tendo “processos inversos, os estudiosos da gramaticalização frisam o caráter idiossincrático desses exemplos e sua insignificância estatística diante da abundância de casos de gramaticalização”.

O princípio da estratificação indica que, em um **domínio funcional amplo**, as **novas camadas** (novos usos) que surgem passam a coexistir e conviver com as camadas **já preexistentes** (usos já fixados). O princípio da persistência, como o próprio nome diz, evidencia que o novo uso submetido à gramaticalização pode manter propriedades dos usos originais. O princípio da especialização indica o estreitamento das possibilidades de escolhas, determinando que uma forma em mudança pode assumir funções especializadas em alguns contextos. Por fim, há o princípio da descategorização, que caracteriza a perda sofrida pelas formas em processo de gramaticalização. Nesse caso, elas perdem ou neutralizam os [seus] marcadores morfológicos e os [seus] privilégios sintáticos (Hopper, 1991). Nesta última etapa, uma forma poderá assumir características de outra categoria, isto é, mudar, inclusive, de classe gramatical.

Vale dizer que o desenvolvimento desses estágios e a efetivação da gramaticalização estão associados diretamente à frequência de uso, um fator de extrema relevância que permite atestar o impacto da gramaticalização na rotinização da língua (Vital, 2006). Conforme esse autor, se um item estiver em processo de mudança, a tendência é: “[...] a) que sua frequência de uso aumente; b) que a sua frequência quando em função gramatical aumente; c) que a sua frequência quando em função lexical diminua” (Vital, 2006, p. 155). Dessa forma, com a gramaticalização, o item linguístico se gramaticaliza à medida em que é mais frequente e, por sua vez, sendo mais frequente, possui uma maior tendência/vulnerabilidade à gramaticalização.

Por fim, destacamos que o Sociofuncionalismo permite “uma abertura para o tratamento variacionista da multifuncionalidade” (Görski; Tavares, 2017, p. 37), o que se aplica ao nosso objeto de estudo: uma forma (o item **tá**) com mais de uma função, sendo seus usos indicadores de mudança por gramaticalização, como veremos a seguir, em nossa seção de análise.

Tá no Twitter: descrição e análise

A sociedade contemporânea é marcada, especialmente, pela rapidez com a qual as informações são difundidas. Dentro desse processo de propagação do conhecimento, a internet se constitui como um dos importantes instrumentos de expressão e socialização de saberes, ideias e opiniões. Assim, de acordo com Recuero (2009), a internet, por meio das suas redes sociais, tem possibilitado novas formas de interação, expressão e sociabilização no mundo. Como resultado disso, verificamos uma movimentação constante da língua. Na dinâmica que a rede possibilita, formas e funções linguísticas se ajustam, se modificam e/ou são negociadas com o objetivo de atender às necessidades comunicativas dos seus usuários.

Assim, por permitir uma dinâmica comunicativa bastante eficiente e por se apresentar como um locus de uso real da língua, elegemos o *Twitter* como fonte de busca para a constituição da nossa amostra, que nos permitiu identificar as seguintes funções para o item **tá**: verbo principal (pleno⁶), verbo de ligação, verbo auxiliar, expressão cristalizada e marcador discursivo.

6. Aqui utilizamos tanto a nomenclatura *principal* quanto o termo *pleno* para nos referir ao verbo que possui valor semântico preenchido.

Além de termos como referência o trabalho de Pinheiro (2019)⁷, ao delimitarmos as funções de **tá**, especialmente quando o item atua como verbo, apoiamo-nos em definições gramaticais de cunho normativo (Rocha Lima, 2017 [1958]; Cunha; Cintra, 2001 [1984]); Bechara, 2009 [1999]) e também descritivo (Castilho, 2010). Assim, conforme Cunha e Cintra (2001 [1984]), o verbo principal é definido como o item que possui significação plena e atua com função nuclear na oração. Em uma perspectiva descritiva, Castilho (2010) também defende que, para serem considerados plenos, os verbos devem atuar como núcleos na sentença. Tendo em vista essas noções, identificamos como verbo pleno os usos em que o **tá** está a serviço de uma função locativa, contraída a partir da locução adverbial que ocorre em posição posposta ao **tá**, como ilustram os exemplos em (1):

- (1) a. Depois de mais de 1 semana, minha tia teve alta e **tá** em casa (*Twitter*, jan. 2022).
- b. oi! o banco next tá pagando até 1500\$ por mês apenas pra você indicar seus amigos e familiares pra abrir uma conta gratuita com eles! se você usar o meu convite já ganha 15\$ assim que terminar o cadastro, demora só 5 minutinhos! Se tiver interesse o link **tá** no meu perfil (*Twitter*, jan. 2022).

Como se pode notar, nos dois casos, o **tá** faz referência a um espaço em função do adjunto adverbial posposto a ele. Em (1a), o espaço é físico, “em casa”; em (2b), o espaço é virtual, “no meu perfil”.

Com relação ao verbo de ligação, ele é responsável por vincular o sujeito ao seu predicativo, como defende Rocha Lima (2017 [1958]). Na visão de Bechara (2009 [1999]) e Cunha e Cintra (2001 [1984], p. 133), esse tipo de verbo estabelece a cópula “[...] entre duas palavras ou expressões de caráter nominal”, não trazendo informações novas com relação ao sujeito, mas apenas unindo-o ao seu predicativo. Castilho (2010), por sua vez, assume que tal verbo é de natureza relacional, mas, assim como os outros autores, também defende que, na estrutura em que ocorre, o valor semântico do verbo é esvaziado. Em (2), ilustramos alguns casos:

- (2) a. menino, que sufoco. Na prova objetiva passou em 8º, tem 8 vagas, hje veio o resultado da discursiva e ela foi pro 4º lugar. Ela **tá** doida pra trabalhar, não é o que ela quer, é o que tem (*Twitter*, jan. 2022).
- b. Cara vc **tá** tão alienado que vendo vulto, acorda pra vida amigão, fura sua bolha, existe um mundo real fora dela (*Twitter*, 13 jan. 2022).

Percebemos que, nesses exemplos, o item **tá** atua como uma cópula entre os sujeitos e os seus predicativos (sintagmas nominal/adjetival): em (2a), “ela/doida pra trabalhar”; em (2b), “você/alienado”. Conforme Castilho (2010), a característica portada pelo sujeito desse tipo de verbo é temporária.

7. Pinheiro (2019) investigou os usos do verbo *estar* na fala de Vitória/ES.

Com relação ao verbo auxiliar, também denominado como auxiliador (Castilho, 2010), ele possui carga semântica esvaziada. Tal verbo estabelece relações morfossintáticas com as formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio), compondo, assim, as locuções verbais (Rocha Lima, 2017 [1958]; Cunha; Cintra, 2001 [1984]). Nesse tipo de estrutura, o verbo auxiliar é responsável pelas flexões de pessoa, número, modo e tempo. Vejamos alguns exemplos em (3):

- (3) a. Deixei de seguir muita gente, esse povo **tá** sabendo usar legal o botão de “parar de seguir” sem o seguidor perceber aff, fico abalada (paranoica) real, qq eu fiz pra essa pessoa parar de me seguir?: (enfim, só fico com pensamentos pensantes (*Twitter*, jan. 2022).
- b. estamos vivendo uma misteriosa epidemia de disfunção cognitiva. Alguém sabe oq **tá** acontecendo sério? não é possível que as pessoas tenham tanta dificuldade de raciocinar o básico (*Twitter*, jan. 2022).

Nas duas situações, o item **tá** estabelece relações morfossintáticas com as formas nominais de gerúndio, compondo, assim, as locuções verbais: (3a) “tá sabendo” e (3b) “tá acontecendo”.

Assumimos como expressão cristalizada os casos em que o **tá** forma uma unidade integrada com outros itens linguísticos, o que, na visão de Bybee (2016 [2010]), corresponde a um *chunking* (traduzido na literatura como *encadeamento*): processo cognitivo que permite o agrupamento de unidades menores para a formação de unidades maiores. Conforme a autora, “um *chunk* é uma unidade de organização da memória, formado por um conjunto de blocos já presentes na memória e por soldá-los juntos em uma unidade maior” (Bybee, 2016 [2010], p. 34). Apresentamos, então, alguns casos em (4):

- (4) a. A fofoca que ela vai contar do Neymar **não tá escrito**. #BBB2022. (*Twitter*, jan. 2023).
- b. Eu já não gosto de ter dor de cabeça, agora ter dor de cabeça quando tá tendo surto de gripe e covid já **tá demais**, não sei se é só dor de cabeça ou se é algum desses dois aí... bora colaborar neeee. (*Twitter*, jan. 2022).
- c. Tirei um cochilo tão profundo que acordei até triste, **tá doido**. (*Twitter*, jan. 2022).

Como se pode perceber, em (4a), **não tá escrito** indica, tendo como base o contexto, que a informação/fofoca poderá ser polêmica ou grave. Em (4b), **tá demais** expressa uma ideia de indignação e/ou preocupação do sujeito com relação à situação em evidência. Em (4c), por sua vez, **tá doido** apresenta a ideia de surpresa com a qual o sujeito lida com a situação em curso. Nos três usos, percebemos que as expressões cristalizadas são resultantes da união de itens gramaticais que, em uma relação de dependência, se unem formando um único conjunto, produzindo, assim, novos significados. Considerando que as categorias são fluidas e não rígidas, vale a pena mencionar que essas expressões poderiam ser, em outros contextos, compreendidas de modo distinto.

A última função identificada foi a de marcador discursivo⁸, que, conforme Martelotta (1997), corresponde a elementos linguísticos que se esvaziam de funções referenciais externas e assumem funções pragmáticas-discursivas, viabilizando “[...] no ato da comunicação falada, a relação produção/recepção, que pode ser comprometida por fatores ligados à atenção dos participantes, a contextos de improviso [...]” (Martelotta, 1997, p. 91). Na fala, os marcadores atuam gerando interrupções, quebras, reformulações do discurso e/ou pausas para se refletir acerca do que está sendo dito.

O marcador discursivo é um rótulo capaz de recobrir tanto o plano textual como o plano interpessoal, estruturando, assim, a interação entre os envolvidos no contexto comunicativo e no planejamento da fala (Marcuschi, 1989). Embora os marcadores discursivos sejam mais predominantes na fala (Freitag, 2001), na escrita menos monitorada eles também podem ser recorrentes, como notamos em nosso *corpus*. Em (5), apresentamos alguns casos:

- (5) a. A madrinha já pode ir buscar na creche **tá**? (*Twitter*, 14 jan. 2022).
- b. **tá** mas quando é que vai sair a lista com os participantes do bbb hein? (*Twitter*, 12 jan. 2022).
- c. Kkkkkkkkkkkkk eu n vou nem te falar nada **tá**. (*Twitter*, 21 jan. 2022).

Verificamos que, como marcador discursivo, a forma reduzida do verbo “estar” pode operar como uma pergunta retórica, ou seja, quando a intenção do falante é apenas checar a recepção do ouvinte sem carecer especificamente de uma resposta, como se pode notar em (5a). Em (5b), a forma **tá**, no início da sentença e sem entoação interrogativa, corresponde a uma estratégia comunicativa de organização do discurso, indicando interrupção e/ou encerramento de uma ideia anteriormente apresentada, em detrimento de uma nova temática a ser tratada no contexto comunicativo. Em (5c), situado no final da sentença, o **tá** é usado para finalizar uma discussão.

Do levantamento feito, confirmamos que o item **tá** é usado no *Twitter* com diferentes valores funcionais, verbo principal, verbo de ligação, verbo auxiliar, fazendo parte de expressões cristalizadas e atuando como marcador discursivo, o que, em termos sociofuncionalistas, indica variabilidade funcional.

A fim de demonstrar a frequência dos usos na amostra analisada, apresentamos a tabela I:

8. Também denominado, na literatura, como marcadores conversacionais, operadores argumentativos ou articuladores textuais.

Tabela 1 – Funções desempenhadas pela forma fonologicamente reduzida do item “estar” no *Twitter*

Função	Forma reduzida	
	Ocorrências	%
Verbo principal	07	3,6
Verbo de ligação	51	26,6
Verbo auxiliar	47	24,5
Expressão cristalizada	62	32,3
Marcador discursivo	25	13,0
Total	192	100

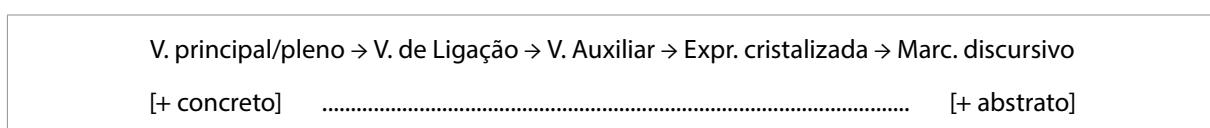
Fonte: Elaborada pelas autoras

Como se pode verificar, na função de expressão cristalizada, a forma **tá** apresentou o maior número de ocorrências, totalizando um percentual de 32,3% na amostra. Com relação às funções de verbo de ligação e de verbo auxiliar, a forma apresentou, respectivamente, os percentuais de 26,6% e 24,5%. Na função de marcador discursivo, o uso atestou uma frequência de 13%. Por sua vez, a função plena foi a menos recorrente, apenas 3,6%. Com esses números, certificamos que a frequência de uso, na rede social *twitter*, indica um avanço das funções em que o verbo atua com valores mais abstratos, sinalizando, assim, uma situação de mudança linguística.

Tendo em vista a análise promovida e o levantamento feito, confirmamos, em termos sociofuncionalistas, que: (i) o item **tá** expande seus contextos de usos; (ii) os usos indicam variabilidade funcional, pois cinco funções (variantes) foram identificadas; (iii) as funções/variantes encontram-se em uma situação de competição; (iv) a frequência de uso aponta que uma das funções perde espaço, no caso, a função de verbo principal, aquela em que o verbo tem carga semântica específica e atua com valor mais concreto; (v) a frequência de uso atesta que o **tá** tem sido mais usado com valor semântico esvaziado (verbo de ligação e verbo auxiliar) e com funções discursivas (expressão cristalizada e marcador discursivo); (vi) os usos indicam mudança por gramaticalização.

Assim, com o intuito de explicar o percurso que caracteriza a gramaticalização do item **tá**, propomos o *cline/continuum* na Figura 1, adaptado a partir do que Pinheiro (2019) assumiu em seu trabalho:

Figura 1 – *Continuum* de gramaticalização do item **tá**



Fonte: Elaborada pelas autoras com base em Pinheiro (2019)

Percebemos que, na função mais à esquerda, verbo principal/pleno, o item **tá** atua com valor mais concreto, tendo em vista a carga semântica que carrega; na função mais à direita, marcador discursivo, o item atua com valor mais abstrato; no meio do percurso, registramos o **tá** ocorrendo ainda como verbo (ligação e auxiliar), mas com valores semânticos esvaziados, e, também, atuando em unidade integrada (expressão cristalizada). Neste último caso, o **tá** se apresenta como mais abstrato, dada a relação que se estabelece com outros itens linguísticos.

Conforme demonstrado na Tabela 1 e no *continuum* (Figura 1), assumimos que, em termos sociofuncionalistas, as funções do **tá** (variantes) estão competindo em um mesmo domínio funcional, tanto as funções já conhecidas (verbo pleno, ligação e auxiliar) quanto as funções inovadoras (expressão cristalizada e marcador discursivo). Esse uso indica, portanto, variabilidade funcional.

Visando explicar a mudança em torno do que constatamos, recorreremos aos princípios de Hopper (1991). A estratificação se aplica porque as funções coexistem e interagem uma com as outras em um mesmo domínio funcional (mesmo contexto de uso – o *Twitter*). No entanto, vimos que a função plena está perdendo espaço para as outras funções (gramaticalizadas), principalmente aquelas que são intermediárias (verbo de ligação, verbo auxiliar e expressão cristalizada) no *continuum*. E, no caso dessas, percebemos a atuação do princípio da especialização, pois a função de expressão cristalizada é a mais recorrente, o que sinaliza o estreitamento de sua escolha.

Sobre o princípio da divergência, ele também se aplica em nossos dados, pois como verbo o **tá** atua com três funções divergentes: verbo pleno, verbo de ligação e verbo auxiliar. Essas três funções evidenciam o princípio da persistência, observado pela manutenção de propriedades flexionais. Por fim, verificamos o princípio da descategorização, aplicado nas funções de expressão cristalizada e marcador discursivo, tendo em vista as perdas de propriedades morfológicas e sintáticas do item **tá**.

A mudança aqui exemplificada pelo objeto analisado, assim como a variação linguística, constitui-se como propriedade inerente da língua, seja ela falada, seja ela escrita. Com a demonstração dos usos de **tá**, reafirmamos a ideia de que a gramática da língua é dinâmica, emergente, o que, em termos sociofuncionalistas, significa dizer que ela possibilita aos falantes promoverem adaptações e reconfigurarem padrões linguísticos.

Considerações finais

Levando em conta os pressupostos sociofuncionalistas, demonstramos, a partir da variável linguística “função do item”, os valores funcionais assumidos pela forma fonologicamente reduzida de “estar” em textos/comentários veiculados na rede social *Twitter*. Os resultados obtidos apontaram que o item **tá** tem expandido os seus contextos de usos, visto que, no *corpus* analisado, o item exerce as funções de verbo principal/pleno, de verbo de ligação e de verbo auxiliar, além de funções pragmático-discursivas, expressão cristalizada e marcador discursivo.

Com o levantamento quantitativo das funções, constatamos o impacto da frequência de uso, um importante fator usado nas pesquisas sociofuncionalistas. Verificamos que os usos que indicam maior abstração de sentido foram os mais frequentes, e que a função original, mais prototípica, a de verbo pleno (com carga semântica mais específica/concreta), foi a menos usada. Mesmo que a nossa amostra seja bastante singular em termos de ocorrências do objeto pesquisado, ela evidencia a variabilidade funcional da forma fonologicamente reduzida do verbo “estar”, um comportamento que a caracteriza como um elemento multifuncional, estando a serviço dos falantes em suas práticas comunicativas.

Os usos atestaram também uma situação de mudança por gramaticalização, visto que, em um mesmo domínio funcional, as funções (variantes) competem entre si. A partir do princípio da estratificação afirmamos que as funções coexistem e interagem uma com as outras; contudo, há uma perda de espaço da função plena com relação às outras funções, principalmente as intermediárias (verbo de ligação, auxiliar e expressão cristalizada), visto que o uso recorrente desta última aponta para a aplicação do princípio da especialização, evidenciado, no *corpus*, a partir do estreitamento da sua escolha. Com relação ao princípio da divergência, observamos que a forma **tá**, enquanto verbo, atende a três funções divergentes (verbo pleno, verbo de ligação e verbo auxiliar), indicando nesses casos, também, a aplicação do princípio da persistência, pois traços flexionais da forma-fonte (verbo pleno) são mantidos nas formas em que o **tá** atua como verbo de ligação e verbo auxiliar. Por fim, a partir do princípio da descategorização, verificamos que, nas funções gramaticalizadas de marcador discursivo e expressão cristalizada, o item neutraliza propriedades morfológicas e sintáticas.

Confirmamos, portanto, que, em se tratando do item **tá**, em usos materializados no *Twitter*, temos em evidência uma situação de mudança por gramaticalização a caminho, em que o **tá** TÁ PERDENDO seus traços [+ concretos] e TÁ ADQUIRINDO traços [+ abstratos]. TÁ DITO! TÁ!!!

Referências

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009 [1999].
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].
- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEZARIO, M. M.; MARQUES, P. M.; ABRAÇADO, J. Sociofuncionalismo. In: MOLLICA, M. C.; FERREZ JR, C. *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 45-61.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001 [1984].
- CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro. v. 12, p. 83-101, dez. de 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5440/4032>. Acesso em: 25 jan. 2023.

FREITAG, R. M. K. O uso de ‘tá?’ e ‘certo?’ na fala de Santa Catarina. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 25-41, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/4786>. Acesso em: 25 jan. 2023.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. *Revista do GELNE*, Natal, v. 15, n. 1/2, p. 75-97, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9411>. Acesso em: 25 jan. 2023.

HOPPER, P. J. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Orgs.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989. p. 281-318.

MARTELOTTA, M. Uso do marcador discursivo tá? *Revista Veredas*. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 1, jul./dez./ 1997. p. 89-106.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MAY, G. H. Discutindo o papel do funcional no sociofuncionalismo. *Working papers em Linguística*, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 69-79, jul.-dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2009v10n2p69>. Acesso em: 25 jan. 2023.

PINHEIRO, F. P. *Tá mudando? uma análise sociofuncionalista da redução fonética do item Estar na fala de Vitória/ES*. 2019.155 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_12949_Vers%E3o%20Final%20-%20Frederico%20Pitanga%20Pinheiro.pdf. Acesso em: 26 jan. 2023.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA LIMA, C. H. de. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017 [1958].

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Eds.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2015, 249-270.

VITRAL, L. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. *Scripta*. Belo Horizonte: PUC/Minas. V. 9, n. 18, p. 149-177, 2006. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12599>. Acesso em: 20 jan. 2020.